

O tratamento da diacronia em atividades didáticas

Leticia Corsino Galbero*
Queila de Oliveira Miranda**
Milena Borges de Moraes***

Resumo: O presente texto aborda o conhecimento linguístico histórico no ensino básico. Seleccionamos duas atividades dispostas em um livro didático de língua portuguesa, indicado pelo Programa Nacional do Livro Didático, para realizar uma análise a respeito de como a variação linguística histórica é tratada nesse suporte didático. O ponto de vista teórico adotado para a análise é o da diacronia e variação mobilizado por Bagno (2007, 2013), Basso e Gonçalves (2014), Cardeira (2006), Silva e Silva (2014), entre outros. Acreditamos que o modo como a diacronia foi abordada nas atividades seleccionadas possibilita parcialmente o olhar histórico sobre a linguagem, por parte do aluno, deixando de realizar um ensino e aprendizagem de língua crítico, democrático, que vá além do binômio certo e errado, e desmistifique a essência normativa da língua e enfatize as suas diversidades.

Palavras-chave: Diacronia. Livro Didático. Ensino.

The treatment of diachrony in teaching activities

Abstract: This text deals with historical linguistic knowledge in basic education. We have selected two activities arranged in a Portuguese language textbook, indicated by the National Textbook Program, to carry out an analysis of how historical linguistic variation is treated in this didactic support. The theoretical point of view adopted for the analysis is that of diachrony and variation mobilized by Bagno (2007, 2013), Basso and Gonçalves (2014), Cardeira (2006), Silva and Silva (2014), among others. We believe that the way diachrony was addressed in the selected activities partially allows the student to look historically at language, failing to carry out a critical and democratic teaching and learning of language, which goes beyond the right and wrong binomial, and demystifies the normative essence of the language and emphasize its diversities.

Keywords: Diachrony. Textbook. Teaching.

* Graduanda em Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Tangará da Serra. e-mail: leticia.galberolg@gmail.com.

** Graduanda em Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Tangará da Serra. e-mail: queila.oliveiramiranda@gmail.com.

*** Professora de Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e da Linguagem, da UNEMAT/ Tangará da Serra; Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. e-mail: milena@unemat.br.

Introdução

A língua, como parte constitutiva da vida em sociedade, é uma atividade social. Nessa perspectiva, devido ao crescimento e desenvolvimento populacional, bem como as novas demandas sociais, ocorrem mudanças linguísticas no decorrer do tempo, por exemplo, na língua portuguesa.

A formação do português iniciou desde o processo de colonização dos romanos na Península Ibérica, resultado da união de várias línguas; dentre elas, o Latim trazido pelos povos romanos e as línguas nativas dos povos que já habitavam a Península Ibérica.

Conhecer a história da língua portuguesa, dos processos de transformação que a afetaram ao longo do tempo, bem como ter consciência de que a variação recorrente nessa língua é algo natural e inerente a ela, possibilita a desconstrução de posturas preconceituosas relacionadas à diversidade linguística e à formação de cidadãos mais críticos, reflexivos e respeitosos a essa diversidade.

Diante dessa perspectiva, este artigo tem como principal objetivo estudar como a diacronia é mobilizada em um livro didático de língua portuguesa intitulado: “Para viver juntos: português”, destinado ao sexto ano do ensino fundamental das escolas municipais da cidade de Tangará da Serra, Estado de Mato Grosso (material aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD - e escolhido pelos professores de Língua Portuguesa).

Como metodologia, lançaremos mão de pesquisa qualitativa de análise documental e de cunho bibliográfico, tomando como base os seguintes teóricos: Bagno (2007, 2013), Basso e Gonçalves (2014), Carneira (2006), Silva e Silva (2014), entre outros.

A organização do presente artigo encontra-se da seguinte forma: inicialmente esta breve introdução; em seguida, apresentaremos uma resenha da base teórica que sustenta esta pesquisa; análise do objeto proposto, e, por fim, as considerações finais e referências.

Pressupostos teóricos

Os estudos a respeito da língua tiveram origem no século IV a.C., mais precisamente no início da Antiguidade Clássica, cujo interesse concentrava-se inicialmente ao aspecto histórico da língua, estudos filológicos, visando, na língua escrita, a interpretação das produções literárias, religiosas ou filosóficas que deveriam ter resguardadas a sua inteligibilidade.

A respeito do português, ao final do século XVIII, os estudos histórico-comparativos nos permitiram compreender que essa língua não é apenas membro de uma família imediata (a das línguas românicas), mas pertence também a um tronco mais extenso, com relações com o latim, o grego, o sânscrito. Tal descoberta ocorreu em virtude da reconstituição da protolíngua Indo-europeia.

Em contraposição à abordagem histórico-comparativa, no início do século XX, Ferdinand de Saussure (2000, p. 94) traça um corte fundamental da linguística moderna: diacronia *versus* sincronia, colocado como uma questão de dinâmica *versus* estática. No entanto, o foco do Estruturalismo foi efetuar a reflexão linguística na dimensão estática dos fenômenos, não olhando para a dimensão dinâmica. Sincronia (estado atual do sistema da língua) *versus* diacronia (sucessão, no tempo, de diferentes estados da língua em evolução). Saussure (2000) não desconsidera a relação entre sincronia e diacronia, mas observa que ambas consistem em fatos de ordens diferentes, já que a mudança histórica se origina fora do sistema linguístico.

Diante dessa conjuntura e o interesse de estudiosos por algumas das exclusões saussureanas, como a diacronia, o social, surgiram outras vertentes da linguística com foco, por exemplo, no caráter heterogêneo, múltiplo, variável, instável da língua, que está sempre em desconstrução e em reconstrução, como uma atividade social, conforme afirma Bagno (2007), na perspectiva da sociolinguística; e outra pela história da língua e as suas transformações ao longo do tempo e num determinado contexto social, histórico, político e cultural.

Cardeira (2006), por sua vez, em seu livro intitulado “O essencial sobre a história do português”, aborda o processo de formação que deu origem à língua portuguesa. Assim, afirma que o português é consequência de um dos desdobramentos do latim vulgar. Por meio de um processo de romanização, de aculturação dos povos, em 218 a. C., durante a Segunda Guerra Púnica, os romanos conquistaram os povos da Península Ibérica e impuseram a língua latina como a

única forma de comunicação a ser seguida, a qual entrou em contato com as línguas pré-existentes, os substratos, dos povos conquistados.

A partir desse processo de romanização, do contato entre a língua latina e as línguas pré-existentes na Península, originaram-se várias outras línguas, intituladas línguas românicas, a saber, Astur-leonês, Castelhana, Navarro-aragonês, Catalão e também o Galego-português, que, após várias transformações, deu origem ao português. De acordo com Cardeira (2006, p. 21), as línguas românicas se originalizaram do latim vulgar. Havia duas realidades da língua latina, uma considerada o latim culto, utilizado pela aristocracia romana, e a outra, o latim vulgar, utilizado pelos soldados e posteriormente pelos povos dominados, através da convivência com os soldados romanos.

De acordo com Basso e Gonçalves (2014), a respeito da língua portuguesa:

As relações diacrônicas (ao longo do tempo) e sincrônicas (relativas a um único momento no tempo) entre o indo-europeu, o latim arcaico, o latim culto, o latim vulgar, o latim tardio, o romance, as línguas românicas, e, finalmente, o português, são necessárias para entender a história daquilo que chamamos português” (BASSO; GONÇALVES, 2014, p. 19).

Assim, a língua portuguesa levada pelos portugueses a vários continentes, dentre eles a América, especificamente o Brasil, sofreu mudanças peculiares, devido ao contato com as línguas indígenas, africanas, que predominaram no período colonial, e também pela influência de outros povos imigrantes que chegaram ao Brasil. A variação linguística recorrente no português brasileiro tem repercutido diversas discussões, inclusive éticas, como é o caso do preconceito linguístico, consequência, segundo Silva e Silva (2014, p.84), "ao fato de que a língua tem sido vista, erroneamente, por muitas pessoas, inclusive professores, como um objeto homogêneo e uniforme, em que não concebem essa diversidade como parte integrante e constituinte de um idioma".

Azevedo Junior (2018), por sua vez, vislumbra a proposição dos documentos oficiais que norteiam a educação, no Brasil, a saber, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular, os quais preconizam o olhar diacrônico sobre a linguagem, de modo a poder contribuir com a ideia de um ensino de língua crítico, democrático, que vá além do binômio certo e errado.

Nessa esteira, Silva e Silva (2014) afirmam que

A inclusão da temática sobre variação linguística diacrônica em livro didático nos parece ser uma questão necessária, não somente pelo conhecimento do aspecto da variabilidade, mas, principalmente, pela compreensão da constituição de diversidades dialetais dentro de uma mesma língua. A partir daí, o professor se dispõe a discutir com os alunos sobre tais diferenças, de modo que se reflita criticamente sobre o assunto, tentando desmistificar a essência normativa da língua e enfatizar as suas diversidades. (SILVA; SILVA, 2014, p. 88).

Em suma, é importante conhecer a origem e as transformações do português, e ter consciência de que a mudança é inerente a toda língua viva, de modo a refletir que a diversidade linguística existente em nossa sociedade é algo natural em virtude de diversos fatores, a saber: social, geográfico, estilístico e histórico. No que diz respeito à variação histórica, que nos interessa neste estudo, pode ser desencadeada por fatores internos à língua, seja pelo desaparecimento de formas não utilitárias, pelo princípio da economia, que tende a eliminar redundâncias e pela introdução de novos elementos, com a função de tornarem a comunicação mais exequível; ou, então, externos à língua, relativos a mudanças políticas e sociais, podendo culminar na criação de fronteiras linguísticas.

Análise do *corpus*

Numa acurada leitura do nosso objeto de estudo, o livro didático de língua portuguesa “Para viver juntos: português” (COSTA, C. L. et al, 2015), destinado ao sexto ano do ensino fundamental, verificamos, do total de atividades¹, que apenas duas abordam aspectos diacrônicos, a partir de textos pretéritos autênticos, e as selecionamos na tentativa de compreender como esses aspectos são tratados nessas atividades.

O livro didático em questão é organizado em nove unidades (nomeadas com o gênero textual que será abordado na unidade) e cada uma delas é constituída por dois capítulos denominados "Leitura 1" e "Leitura 2", acompanhados do nome de um texto (condizente com o gênero textual que está proposto na unidade) e o seu

¹ As duas atividades que constituem o *corpus* deste trabalho foram discutidas e analisadas como Prática como Componente Curricular da disciplina Língua Portuguesa: história da Língua Portuguesa, UNEMAT - Câmpus de Tangará da Serra.

respectivo autor. E mais, cada capítulo apresenta as seguintes seções: "estudo do texto, produção de texto, reflexão linguística, língua viva e questões da escrita". Ao final de cada unidade, há uma parte chamada de "oralidade ou interligados". Retrataremos individualmente a seguir as duas atividades selecionadas.

A primeira atividade a ser analisada encontra-se, no livro didático, na unidade 01 intitulada "Narrativa de aventura", capítulo 2 "'A criatura', de Laura Bergallo", na seção "Questões da escrita" que trata sobre o conteúdo "letras e fonemas". A explicação desse conteúdo é feita por meio de conceitos (destacados em um quadro denominado "anote") distribuídos ao longo de oito atividades.

Observamos que no tratamento de letra e fonema, subjacente nos conceitos e nas atividades, predomina o esclarecimento a respeito da não equivalência som-letra conforme "anote" apresentado: "um único **fonema** pode ser representado graficamente por uma ou por mais de uma letra. Uma mesma **letra** pode representar diferentes fonemas. Quando temos dúvidas sobre a grafia correta de uma palavra, devemos consultar o dicionário" (COSTA et. al, 2015, p. 42). No entanto, o que se espera é que seja esclarecido ao aprendiz que

a aquisição da escrita envolve não só tentar **representar a fala por meio de sinais gráficos**, mas **representar a fala por meio de sinais gráficos segundo as convenções que a tradição ortográfica da língua estabeleceu** ao longo dos séculos e que vêm sofrendo constantes reformas (BAGNO, 2013, p.95, grifos do autor).

Nessa conjuntura encontra-se a seguinte atividade:

Figura 1

2. Observe a capa deste livro escolar do começo do século XX.

Qual é o título do livro? Como você o escreveria utilizando a grafia atual?

O registro escrito das palavras deve seguir as regras ortográficas estabelecidas pela gramática normativa. As palavras grafadas nos livros escolares do começo do século XX obedeciam às normas daquela época.

Livraria Francisco Alves/Arquivo de editora



Olavo Bilac e Manoel Bomfim. *Atravez do Brazil*: livro de Leitura para o curso medio das Escolas Primarias. Pratica da Lingua Portuguesa. 7. ed. revista. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921.

Fonte: COSTA et. al, 2015, p. 42.

A proposta dessa atividade é norteada a partir da imagem de uma capa de um livro de leitura datado de 1921, intitulado “Atravez do Brazil” de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, produzido para o curso das Escolas Primárias no que diz respeito à prática do ensino de língua portuguesa. Os comandos “Observe a capa deste livro escolar do começo do século XX”, “Qual é o título do livro?” e “Como você escreveria utilizando a grafia atual?” induzem os alunos a empreenderem julgamento entre a forma escrita do século XX e a atual.

Como a referida atividade é oriunda do conteúdo "letra e fonema", podemos elocubrar que um dos objetivos daquela seja que o aluno perceba que o fonema /z/ pode ser representado graficamente por uma ou por mais de uma letra, nesse caso, com as letras z ou s, e que faça a correção, a saber "Através do Brasil", a partir da ortografia atual do português. Nesse caso, segundo Bagno (2013, p.80), seria "preciso recorrer a outros quadros de referência: os gêneros textuais mais monitorados, a etimologia das palavras, os critérios de normatização da ortografia, tradições culturais etc."

No texto explicativo dessa atividade o1 há uma tentativa de recorrer a "outros quadros de referência", a questão da ortografia: “O registro escrito das palavras deve seguir as regras ortográficas estabelecidas pela gramática normativa. As palavras grafadas nos livros escolares do começo do século XX obedeciam às normas daquela época”. Essa explicação exige ponderação, pois a ortografia oficial é fruto de uma convenção social e determinada por decreto, resultado de negociações e pressões de toda ordem (política, ideológica, econômica) de cada época. Bagno (2013, p.101) considera fundamental que o professor tenha

(...) um conhecimento profundo de **fonética e fonologia** do PB², tenha se apoderado dos postulados básicos da **sociolinguística** e de um sólido conhecimento da história e dos desdobramentos políticos que levaram à instituição da **ortografia** da língua da forma como existe hoje e não de outra (grifos do autor).

Conhecer, então, a história e aos desdobramentos políticos da ortografia da língua portuguesa também podem contribuir para que se entenda os padrões gráficos atuais e os de fases pretéritas dessa língua. Basso e Gonçalves (2014, p.194) dividem a constituição histórica e linguística da ortografia da língua portuguesa em três períodos, a saber:

² Português brasileiro.

(i) o fonético - caracteriza-se pela tentativa de representar sons que não existiam em Latim que, por isso, não encontravam correspondente em nenhuma tradição gráfica conhecida. Esse período relaciona-se à época arcaica da língua portuguesa e caracteriza-se pela escrita de acordo com a oralidade. Cagliari (1994, p.104) chama a atenção para a generalização de que nesse período as pessoas escrevessem como falavam, pois a variação na escrita era grande e o fato de as palavras não terem uma ortografia estabelecida, "os escritores precisavam conjecturar qual seria a melhor grafia, a mais neutra e mais aceitável para o leitor e para os outros escritores";

(ii) o pseudoetimológico - a partir do século XVI, difundiu-se o uso de grafias etimológicas (e pseudoetimológicas) em Portugal e no Brasil, com o intuito de justificar a escrita das palavras vernáculas por meio de suas raízes gregas ou latinas, fossem elas genuínas ou não, como forma de afirmar a origem romana do povo português, valorizar e enaltecer a língua do Rei;

(iii) o período simplificado - com a publicação da Ortografia Nacional de Gonçalves Viana, em 1904, é realizado um estudo da história interna da língua e de suas tendências fonéticas, propondo, entre outras regras, a eliminação de consoantes duplicadas, com exceção do rr e do ss, dos símbolos da etimologia grega ou latina e das consoantes mudas. Em 1910, ao ser instaurada a república em Portugal, os princípios reguladores da ortografia "nacional" foram definidos por uma Comissão Ortográfica nomeada a fim de estabelecer uma ortografia simplificada da língua para ser usada em publicações oficiais e no ensino.

Em 1911, a primeira Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa foi realizada, no entanto, sem consultar o Brasil. Posteriormente, houve algumas tentativas de unificação da ortografia da língua portuguesa, mas fracassaram, apesar dos esforços da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O último acordo de Língua Portuguesa foi assinado no ano de 1990 e promulgado, no Brasil, em 2008. Além do Brasil, o acordo compreende os países de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, e São Tomé e Príncipe.

Diante do exposto, o uso da letra z em detrimento de s nas unidades lexicais "atravez, Brazil, portugueza" pode ser atribuído a resquícios do modelo ortográfico do período fonético, e a ausência de sinais gráficos em "medio, primarias, pratica, lingua" ao modelo ortográfico vigente no século XIX, pois essas unidades

encontram-se registradas também sem os referidos sinais gráficos na obra lexicográfica de Pinto (1832). Nesse sentido, esses usos atestam, por um lado, uma variante de prestígio padrão da época que se encontrava registrada na capa de um material de ensino; por outro, que ainda não havia, no Brasil, um sistema ortográfico bem definido, embora houvesse um modelo de ortografia prescrito pela primeira reforma ortográfica promulgada em 1911, em Portugal.

No que diz respeito à segunda atividade selecionada, encontra-se na unidade 02 "Conto popular", capítulo 02 "A moça que pegou a serpente", de Yves Pinguilly, seção "atividades globais - reflexão linguística". Nessa unidade 02, antecedem a atividade em questão, as seções de "reflexão linguística", cujo conteúdo abordado é o de variação linguística, dividindo-se em variedades regionais e variedades situacionais e sociais. Verificamos que a variação histórica da língua não é mencionada, como conteúdo de explicação, no livro. No entanto, propõe-se esta atividade, que reforça a ideia de que a mudança linguística se faz em vista da histórica também.

Figura 2

mesmo significado?

2. Observe o anúncio publicitário a seguir.

A cutis de creanças a que não se presta a devida atenção é arruinada com o uso de sabão usual. Todos os Paes cuidadosos usam para as suas creanças o afamado

Sabonete de Reuter

que tem a virtude de conservar-lhes a cutis suave e brilhante como o setim perfumada qual uma flor.



Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 2 nov. 1918. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/varport/br-escrito/e-b-91-ja-037.html>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

a) Esse anúncio foi escrito em 1918. Copie palavras do texto cuja grafia é diferente da que você usaria hoje se estivesse escrevendo esse mesmo anúncio.

b) Quem era, provavelmente, o leitor-alvo dessa propaganda?

c) Como você anunciaria esse produto hoje? Reescreva o anúncio, modificando a linguagem utilizada.

Fonte: COSTA et. al, 2015, p. 80.

A variação linguística histórica é tratada por meio de um anúncio publicitário de sabonete infantil, datado de 2 de novembro de 1918, no qual há argumentos que interpelam a responsabilidade dos pais para com a saúde da pele da criança.

No que diz respeito ao modo como foi explorado esse texto, destaquemos o primeiro comando: "Esse anúncio foi escrito em 1918. Copie palavras do texto cuja grafia é diferente da que você usaria hoje se estivesse escrevendo esse mesmo anúncio", o qual provoca o aluno a refletir sobre a variedade gráfica das palavras, comparando-as com a grafia atual, remetendo ao mesmo comando da atividade 01 analisada e suas implicações. Vejamos as palavras do texto cuja grafia é diferente da atual e, supostamente, seriam percebidas, problematizadas pelos alunos:

- “creanças” e “paes” - o uso de *e* em detrimento de *i* nas duas unidades lexicais atesta uma variedade padrão em uso, no Brasil, no século XX, no entanto difere do modelo ortográfico encontrado nos dicionários lusitanos do século XVIII, Bluteau (1728), e do século XIX, Pinto (1832) e na atual ortografia, *criança* e *pais*. No caso de "paes", a mudança sonora, troca da vogal média alta [e] pela vogal alta [i], pode ser resultante do processo de alçamento, que substituiu o *e* pelo *i* em situação postônica ou pretônica, por exemplo, *pode* e *menino* respectivamente, aliás, uma variedade muito comum no português brasileiro. Também pode corroborar com essa reflexão o modo como o verbete *pai* é apresentado no dicionário de Bluteau (1728, p.185), a saber: "Pai, ou Pay, ou Pae", vislubrando que as três variantes estavam em uso no século XVIII e que sobressaiu, no século XXI, a variante *pai*.

- “atenção” - esse uso permite inferir uma manutenção da ortografia pseudoetimológica, em que há a repetição da consoante “t” baseada, possivelmente, na palavra latina *attendere* (HOUAISS, 2009). A eliminação de consoantes duplicadas, com exceção do *rr* e do *ss* foi uma das medidas do período simplificado da ortografia, com a publicação da Ortografia Nacional de Gonçalves Viana, em 1904, e ratificada na primeira reforma ortográfica da língua portuguesa, em 1911 (CAGLIARI, 1994).

- “setim” - o uso da letra "s" para representar o fonema /s/ demonstra que essa variante existiu na língua e era aceita como culta, pois está grafada assim nesse anúncio, bem como em modelo ortográfico encontrado em dicionários lusitanos, como Bluteau (1728) e Pinto (1832) e, hoje, a ortografia oficial estabelece que seja grafada com a letra *c* "cetim". Para além dessa transformação gráfica, o professor pode explorar as transformações da língua na própria dimensão textual acerca do gênero textual, no caso específico de "setim", é usado no anúncio

publicitário de um sabonete em analogia à pele macia, acetinada com o uso do "sabonete de Reuter", e comparar com outros anúncios de sabonete do século XXI.

Nessa conjuntura, o comando "quem era, provavelmente, o leitor-alvo dessa propaganda?" propicia ao aluno observar as particularidades do gênero, como a quem o anúncio é destinado e quais as características deste "leitor-alvo" (condição social, econômica, cultural), interferindo nos possíveis efeitos de sentido que corroborem para provocar no seu leitor-alvo o desejo de adquirir o "sabonete de Reuter". Assim, o professor pode explorar as características do gênero anúncio publicitário, suas condições de produção e a sua materialidade, recursos verbais e não verbais, que auxiliem o aluno a responder o questionamento feito, e, sobretudo produzir sentido no funcionamento desses recursos no texto, oportunizando, assim, o desenvolvimento de capacidades leitoras para as especificidades do texto em análise.

O terceiro comando questiona o seguinte: "Como você anunciaria esse produto hoje? Reescreva o anúncio, modificando a linguagem utilizada". Considerando os encaminhamentos sugeridos anteriormente, diante desse comando, o aluno problematizará as mudanças históricas não só no aspecto ortográfico, como no nível lexical, morfológico, bem como a linguagem não verbal, a qual provavelmente mudaria, deixando de apresentar um menino loiro dentro de uma banheira, pois não representa a diversidade de raça e local de banho na atualidade. As unidades "afamado, cutis" provavelmente seriam substituídas por outras em uso, hoje, como "famoso, pele", o que permitiria o aluno a ter uma visão clara da evolução diacrônica da língua, no nível lexical, ou seja, algumas palavras entram em desusos, outras são criadas ou remanejadas do ponto de vista semântico.

A forma "qual", datada de 1214, ainda é usada como uma conjunção, "equivalente a como", porém, provavelmente seria alterada pelo aluno por uma outra conjunção mais usada nesse contexto sintático, a saber: "igual", também datada do século XIII, com a acepção "como, tal como, tal qual" (HOUAISS, 2009).

De modo geral, percebemos que as duas atividades propõem uma reflexão diacrônica a partir de textos antigos autênticos, do século XX, no entanto, apenas a segunda atividade tangencia as orientações dadas pelos documentos oficiais, especificamente os Parâmetros Curriculares Nacionais, no que tange ao enfoque histórico, ressaltando sua importância:

(...) toda experiência construída no passado deve ser analisada, em busca das relações que estabelecem com o presente e o devir. Partilhar o conhecimento socialmente instituído, aquilo que foi herdado do passado, é apenas o começo do reconhecimento da parte que cabe a cada um no processo histórico, o dado. O conhecimento que pode parecer, em um primeiro momento, como imediato, tem por trás de si uma história de lutas classificatórias que devem ser revistas no âmbito escolar. (BRASIL, 2000, p. 7).

Nesse sentido, o estudo de registros escritos de uma língua pretérita por meio de textos autênticos é o método mais genuíno para abordar a temática sobre variação linguística histórica, pois permite o acesso a modelos linguísticos de outrora e a sua problematização a partir de fatores históricos, políticos, econômicos e culturais.

Cosiderações finais

Neste artigo, ao refletirmos o modo como a diacronia é tratada em um manual didático de língua portuguesa destinado ao sexto ano do ensino fundamental, pudemos mostrar o quanto a escola precisa ensinar aos alunos, com o devido estabelecimento de critérios necessários ao trabalho, a importante necessidade de conhecer a memória diacrônica da língua, para que tome consciência de que a variação não é uma deficiência da língua, em algo que pode e deve ser corrigido com o que está em vigência na "atualidade".

Além disso, constatamos que se utiliza de textos antigos autênticos, século XX, para mostrar que a língua mudou no aspecto ortográfico, lexical e morfológico, mas apenas a segunda atividade proposta pode provocar os alunos a entenderem que as variantes encontradas não representam "erros" nem a "decadência" da língua, bem como despertarem a consciência a respeito da formação histórica do português brasileiro, entendendo a razão das mudanças e que nenhuma língua está pronta, acabada, pelo contrário, toda língua muda com o tempo. Em suma, a língua de ontem não é a de hoje, e a de hoje pode não ser a de amanhã.

Mesmo estando presente em orientações curriculares nacionais e tangenciada nas atividades analisadas com o uso de textos autênticos pretéritos, a variedade histórica não é abordada nas explicações sobre variação linguística, no livro didático selecionado, como um dos fatores que provocam a mudança

linguística, assim como as variedades regionais e variedades situacionais e sociais. Nesse sentido, dificulta o conhecimento histórico da língua portuguesa e, por sua vez, a desconstrução de posturas preconceituosas relacionadas à diversidade linguística existente, no Brasil. Em outras palavras, é necessário desmistificar a essência normativa da língua e enfatizar as suas diversidades.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino**: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8v. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Parte II. Linguagens, Código e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa. In: **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, (27):103-111, Jul./Dez. 1994. Disponível em: <http://espea.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/1642/1216>. Acesso em: 01/06/2020.

CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

COSTA, C. L. et al. **Para viver juntos**: português, 6º ano: ensino fundamental. 4 ed. São Paulo: Edições SM, 2015. PNLD 2017, 2018, 2019.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Na Typographia de Silva, 1832.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

SILVA, A. S. e SILVA, L. H. O. A variação histórica da língua no ensino de português: análise de livro didático. In: **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 5, n. 2, p. 83-101, ago./dez. 2014 (ISSN 2179-3948 – online). Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/1320/8133>>.